

## **A CORRUPÇÃO DA IDEIA DE INOVAÇÃO: TECNOGERÊNCIA, VIGILÂNCIA E A SUBJETIVIDADE DO DOCENTE QUE ENSINA MATEMÁTICA**

### **ODS 4.**

#### Educação de qualidade

Jailton Bartho dos Santos (Instituto Federal de São Paulo - IFSP)

### **Introdução**

Desde o início da história, a transformação do mundo material esteve ligada à transformação do próprio homem, pois “os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Exemplos como a adaptação dos dentes ao uso de ferramentas ou a revolução neolítica — “Uma das fases mais criadoras da história da humanidade se situa no neolítico: responsável pela agricultura, a domesticação dos animais e outras artes” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 317) — mostram como cada invenção reconfigura modos de viver, pensar e se relacionar. Nessa mesma direção, “[...] tornando-se o outro que projeta ser em virtude de haver criado para si diferentes condições de vida e estabelecido novos vínculos produtivos com as forças e substâncias da natureza. Daí resulta um outro mundo, de tal forma que viver nele significa para o homem ser distante do que era no contexto anterior [...]” (PINTO, p. 54), o ser humano revela sua essência histórica ao transformar a realidade e a si mesmo.

Esse processo, hoje intensificado pelas tecnologias digitais, afeta também a educação, onde a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206, garante a liberdade de cátedra, reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), assegurando a autonomia docente como fundamento de uma educação crítica e democrática. Entretanto, tais tecnologias, quando apropriadas por lógicas de mercado, podem impor novas formas de controle, de modo que “a plataformização da educação tende a impor práticas de vigilância e performatividade” (BALL, 2002; SELWYN, 2017), ameaçando a autonomia pedagógica. Assim, o que historicamente foi motor de criação e emancipação pode tornar-se instrumento de regulação, o que conduz à problematização: como as tecnologias digitais contemporâneas, aliadas à racionalidade neoliberal e ao discurso de inovação, impactam a subjetividade do docente que ensina matemática?

## **Revisão da literatura**

A discussão sobre a relação entre tecnologia e poder na educação não é recente. Baseado em Foucault (2014) que denunciava o papel dos dispositivos disciplinares na produção de corpos dóceis, apontando para a vigilância como forma de controle social. Esse aspecto é atualizado no contexto escolar, quando plataformas digitais e sistemas de monitoramento reduzem a autonomia docente e padronizam práticas pedagógicas.

O filósofo francês Althusser (1970) compreende a escola como um Aparelho Ideológico de Estado, responsável por reproduzir a ideologia dominante, mas também como espaço de resistência. Em diálogo, Apple (2015, apud OLIVEIRA, 2014) observa a crescente desqualificação docente diante da imposição de práticas de controle técnico sobre o currículo.

Na contemporaneidade, Selwyn (2017) e Laval (2009, 2019) destacam o fenômeno da plataformização e da lógica empresarial na escola, em que métricas, indicadores e discursos de eficiência aproximam a educação da racionalidade de mercado. Ball (2002) descreve esse processo como performatividade, isto é, a redução da qualidade educativa a resultados mensuráveis e comparáveis.

No campo da Educação Matemática, D'Ambrosio e Lopes (2015) defendem a insubordinação criativa como resposta à padronização imposta pelas avaliações externas, propondo uma prática matemática voltada à formação integral e crítica dos sujeitos. Essa perspectiva converge com Freire (1996), para quem a autonomia docente é central em uma pedagogia emancipatória. Bell Hooks (2019) reforça essa visão ao denunciar práticas autoritárias que inviabilizam a educação como prática da liberdade.

Vieira Pinto (2005) lembra que a tecnologia é uma construção histórica e social, devendo ser apropriada a partir de projetos emancipatórios, e não aceita de forma acrítica. Essa reflexão se soma à crítica de Cássio (2019), que denuncia a privatização da educação travestida de “inovação” tecnológica, evidenciando uma corrupção da ideia de inovação.

Assim, a literatura sugere que o uso das tecnologias digitais na educação deve ser analisado criticamente, considerando seus potenciais emancipatórios, mas também seus riscos como instrumentos de vigilância, controle e tecnogerência.

## **Método**

A pesquisa terá abordagem **qualitativa**, de natureza **exploratória e descritiva** (MINAYO, 2007). O lócus será delimitado em escolas públicas de educação básica, com foco em professores de matemática da rede estadual de São Paulo.

A amostra contemplará **dois grupos de participantes**: (i) professores de matemática e (ii) gestores escolares. A coleta de dados será realizada por meio de:

1. **Entrevistas semiestruturadas**, permitindo a expressão das percepções docentes e gestoras sobre o uso das tecnologias digitais;
2. **Análise documental** de resoluções, instruções normativas e políticas públicas que regulamentam o uso dessas tecnologias;
3. **Observação de reuniões e formações**, complementada por registros institucionais (atas e relatórios).

Os dados serão analisados por meio da **Análise de Conteúdo** (BARDIN, 1977), possibilitando a construção de categorias relacionadas à autonomia docente, subjetividade e tecnogerência.

### **Resultados Esperados**

Espera-se que a pesquisa construa um mapeamento crítico do uso das tecnologias digitais em escolas públicas, evidenciando os sentidos que assumem no cotidiano pedagógico e as tensões entre a liberdade de cátedra, a subjetividade docente e as práticas de controle sobre o fazer educativo. Busca-se compreender os efeitos da performatividade e da plataformização no ensino de Matemática e na constituição da identidade de quem ensina matemática, produzindo subsídios capazes de ressignificar a noção de inovação, deslocando-a do campo da padronização e da tecnogerência para o de práticas pedagógicas emancipatórias. Por fim, pretende-se indicar proposições de resistência a processos de homogeneização, fundamentadas na insubordinação criativa e em perspectivas críticas de ensino, de modo a fortalecer a autonomia docente e reafirmar a educação como prática de liberdade que respeita e valoriza as culturas locais, conferindo-lhes centralidade na produção de significados para o ensino.

### **Considerações finais**

A pesquisa propõe-se a contribuir para o debate contemporâneo sobre a educação, denunciando a captura da noção de inovação por uma concepção tecnicista que, sob a lógica da tecnogerência e da racionalidade neoliberal, busca unificar e padronizar o ensino por meio das tecnologias digitais. Essa pretensão impõe modelos homogêneos que

desconsideram as subjetividades docentes e as culturas regionais, reduzindo a riqueza do processo educativo a práticas de controle e métricas de desempenho.

Mais do que apontar riscos, pretende-se fomentar reflexões sobre formas de resistência, defendendo a liberdade de cátedra, a valorização da subjetividade do professor que ensina matemática e a centralidade da diversidade cultural. Ao articular autores como Foucault (2014), Althusser (1970), Selwyn (2017), Laval (2009), D'Ambrosio e Lopes (2015), busca-se fortalecer uma perspectiva democrática, criativa e emancipatória de educação, capaz de ressignificar o uso das tecnologias digitais e reafirmar a escola como espaço de liberdade e construção coletiva de sentidos.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1970.

APPLE, Michael. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BALL, Stephen J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 2, p. 3-23, 2002.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. Insubordinação criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, v. 29, n. 51, p. 1-17, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Rubens Enderle et al. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SELWYN, Neil. **Educação e tecnologia: questões críticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.